

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

ANDRÉ HENRIQUE DE MARAFIGO
MARISTELA BAUER VIEIRA BORBA
ROZILDA PLACIDINA MARIA MULLER

PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTO JUVENIL

JOINVILLE, SC

2017

ANDRÉ HENRIQUE DE MARAFIGO
MARISTELA BAUER VIEIRA BORBA
ROZILDA PLACIDINA MARIA MULLER

ORIENTAÇÃO E PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTO JUVENIL

Projeto Integrador apresentado ao curso Técnico em Enfermagem do Câmpus Joinville do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) para obtenção do diploma de Técnico em Enfermagem.

Professora Orientadora: Dr^a Betina Barbedo Andrade

JOINVILLE, SC

2017

Resumo

Introdução: o abuso sexual infantojuvenil ocorre quando um ou mais adultos, tenham ele algum grau de parentesco ou não, impõe seu desejo a uma criança, obrigando-a a manter algum tipo de prática sexual, seja ela física ou não. **Justificativa:** Segundo dados do SINAN, pode-se perceber uma constância nos dados percentuais de casos de violência por faixa etária onde a faixa de 10 à 19 anos de idade ocupa uma média de 30% do total destes casos e, tratando-se de gênero, o gênero feminino é o mais acometido, tendo cerca de 68% contra uma média de 32% dos casos masculinos. **Objetivo:** orientar pré-adolescentes e adolescentes sobre o abuso sexual, introduzindo conceitos, explanando as consequências vinculadas a este tipo de violência e expondo alternativas de ajuda assim com o que impede a busca pela mesma. **Metodologia:** método utilizado é de pesquisa-ação vinculado a atividades desenvolvidas pelos pesquisadores. **Resultados:** houve grande adesão do público-alvo nas oito intervenções realizadas, com ideias condizentes ao conteúdo explanado e demonstradas, principalmente de forma oral, assim como por meio de desenhos e textos em cartazes. **Considerações Finais:** com as intervenções realizadas, percebeu-se como a sociedade, de forma geral, carece de informação, assim, como um dos principais empecilhos para a notificação dos casos, segundo a literatura e o próprio público-alvo, é descrença na veracidade da fala de pré-adolescente e adolescentes na faixa etária estabelecida neste projeto.

Palavras-chave: Abuso Sexual na Infância. Transtornos Mentais. Saúde Pública.

Abstract

Introduction: child and adolescent sexual abuse occurs when one or more adults, whether or not they have any degree of kinship, imposes their desires on a child, forcing them to keep some kind of sexual practice, whether physical or not. **Justification:** According to SINAN data, it can be a constancy in the percentage data of cases of violence by age group where the range from 10 to 19 years of age average of 30% of the total of these cases and, in the case of gender, the female gender is the more affected, having about 68% an average of 32% of male cases. **Objective:** to guide pre-adolescents and adolescents about sexual abuse, introducing concepts, explaining the consequences linked to this type of violence and exposing alternatives of help, thus preventing the search for it. **Methodology:** method used is action research linked to activities developed by researchers. **Results:** There was a great adhesion of the target audience in the eight interventions carried out, with ideas according to the content explained and demonstrated, mainly orally, as well as through drawing and texts on posters. **Final Considerations:** with the interventions carried out, we could perceive how society generally lacks information, thus, as one of the main obstacles to the notification of cases, according to the literature and the target public itself, is disbelief in the veracity of the speech of pre-adolescents and adolescents in the age group established in this project.

Keywords: Child Abuse, Sexual. Mental Disorders. Public Health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
1.1 Justificativa.....	6
1.2 Objetivos.....	7
1.2.1 Objetivo geral.....	7
1.2.2 Objetivos específicos.....	7
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
3 METODOLOGIA.....	11
3.1 Tipo de Pesquisa.....	11
3.2 População Alvo.....	11
3.3 Ações de Intervenção.....	11
3.4 Análise da Intervenção.....	13
4 RESULTADOS.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
6 REFERÊNCIAS.....	18
ANEXO A.....	20
ANEXO B.....	21

1 INTRODUÇÃO

Com grande frequência chega ao conhecimento popular, casos por vezes de grande impacto referente ao abuso sexual.

Como dito por Florentino (2015), o abuso sexual infantojuvenil ocorre quando a criança ou o adolescente se vê frente a uma situação em que um adulto o obriga a manter práticas sexuais com ou sem contato físico.

O abuso sexual caracteriza-se por qualquer ação de interesse sexual de um ou mais adultos em relação a uma criança ou adolescente, podendo ocorrer tanto no âmbito intrafamiliar – relação entre pessoas que tenham laços afetivos, quanto no âmbito extrafamiliar – relação entre pessoas que não possuem parentesco. (FLORENTINO, 2015, p. 139)

Há, no meio literário, uma grande discussão sobre as categorias de abuso sexual, tendo em vista que a definição depende de fatores como motivação, relação entre abusado e abusador, aspectos culturais, etc.

O agressor estimula a criança ou adolescente para obter satisfação sexual, através de práticas eróticas e sexuais impostas pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade. Esse fenômeno violento pode variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyeurismo, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual com ou sem penetração. (LUSTOSA et al, 2014, p. 51)

Ainda segundo a literatura, a criança ou adolescente vítima de abuso sexual tende a desenvolver transtornos mentais relacionados a ansiedade e depressão, ideias suicidas e transtornos alimentares, assim como transtornos de personalidade. Consequentemente, também perde o interesse pelos estudos, pelas brincadeiras, interação no meio social e por atividades antes habituais. Estudos mostram também que o abuso, além da grande probabilidade de desenvolver transtornos mentais e cognitivos no abusado, ainda pode acarretar deficiências emocionais, medo e dificuldades para criar relações interpessoais. (GOSLING; ABDO, 2011; HOHENDORF; HABIGZANG; KOLLER, 2012; ARPINI et al, 2013)

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo orientar adolescentes sobre o abuso sexual.

1.1 Justificativa

A todo momento, sem que percebamos, inúmeros casos de abuso sexual, acontecem no

Brasil e no mundo, sejam eles infantojuvenis ou não. Segundo dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), pode-se perceber uma constância nos dados percentuais de casos de violência por faixa etária onde a faixa de 10 à 19 anos de idade ocupa uma média de 30% do total destes casos (ANEXO A) e, tratando-se de gênero, o gênero feminino é mais acometido, tendo cerca de 68% da tabela contra uma média de 32% dos casos masculinos (ANEXO B). Porém, embora os dados sejam alarmantes, é relatado por inúmeras literaturas que apenas uma ínfima parcela destes casos são relatados, embora a violência sexual caracterize-se como caso de notificação compulsória.

Fatores como a oscilação legislativa quanto à menor idade, a subjetividade no entendimento do abuso, o fator cultural e a própria sociedade em si, são agravantes sérios que justificam os números exacerbados de abusos sexuais, tanto notificados quanto não notificados.

Tem-se ciência de que o tema “Abuso Sexual” não é algo fácil de se falar, sobretudo, torna-se mais difícil quando é direcionado à pré-adolescentes e adolescentes. No entanto, nota-se que um efeito maior pode surgir a partir do pensamento de que estar-se-á educando e orientando futuros adultos e constituintes da sociedade a cerca da gravidade que se configura uma situação de abuso.

Espera-se que as intervenções ministradas surtam algo como um efeito dominó e que as falas e experiências trocadas sejam levadas adiante, até que um dia, não se façam mais necessária.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Orientar pré-adolescentes e adolescentes sobre o abuso sexual.

1.2.2 Objetivos específicos

- Introduzir conceitos e definições sobre a temática junto ao público-alvo;
- Expor alternativas e maneiras de como e a quem recorrer em caso de abuso;
- Abordar paradigmas impostos que dificultam a exposição dos casos;
- Alertar sobre possíveis ambientes e situações onde se pode estar exposto a uma

situação de abuso;

- Estimular a conversação a cerca do tema pontuando o abuso sexual masculino e feminino, os danos psicológicos e físicos, sobretudo as DSTs e transtornos mentais;

2 REVISÃO DE LITERATURA

O contexto histórico da sociedade possui relação estrita com o abuso sexual infantojuvenil. Devido ao fator cultural, não é possível que se estabeleça um conceito ou definição de abrangência universal para que seja aceito por sociedades diferentes. Quanto a definição da faixa etária em relação ao que é ser criança, também não se possui conceito único. (ZANELLA; LARA, 2016)

Segundo o Art. 217-A da Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, Código Penal, a pena ou reclusão para o abusador acusado de prática carnal ou ato libidinoso com um menor de 14 anos é de 8 à 15 anos, enquanto no Art. 213 da mesma lei, é descrito que a pena ou reclusão para o abusador que tenha abusado de uma vítima menor que 18 anos e maior que 14, é de 8 à 12 anos. (BRASIL, Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009)

Pode-se destacar que, deste modo, nas situações em que crianças sofreram o ato de abuso sexual, os papéis de abusado e abusador serão mais definidos e esclarecidos, do contrário aos casos de abuso à adolescentes e pré-adolescentes, onde, não raro, os mesmos acabam sofrendo uma corresponsabilização em relação ao ato sofrido, resultando que, regularmente, o adolescente abusado não é reconhecido como uma vítima de abuso sexual. (ARPINI et al; apud ALVIN, 2013)

A violência sexual contra crianças e adolescentes é fruto de aspectos socioculturais que permitem, ainda nos dias de hoje, que tais crimes aconteçam com muita frequência. Esses aspectos se devem a uma cultura onde ainda há a dominação masculina, que permite um poder de silêncio que abafa esses casos, sob a ameaça ou um fantasiado consentimento da criança. (ZUQUETE; NORONHA, 2012, p. 1370)

Toda esta embaraçosa situação se dá devido a pressuposição de que o adolescente já conhece amplamente as situações mundanas enquanto crianças não teriam o entendimento esclarecido. Por razões como essa, pode-se observar a maior facilidade do livramento do abusador quando a vítima é adolescente por alegar que houve consentimento e até provocação por parte do abusado. (ARPINI et al; apud ALVIN, 2013)

Subestimar o relato do jovem, acusá-lo de ter escolhido ou desejado a relação

violenta, tira da cena a própria dinâmica que instala e perpetua a situação de abuso, ou seja, uma relação pautada pela sedução, pactos de silêncio, segredos, promessas, ganhos e ameaças. É importante que se tenha clareza da constante presença desses elementos nas situações que envolvem a violência sexual, sendo este conhecimento uma ferramenta indispensável para superação da "desconfiança sistemática" pela qual passam os adolescentes vítimas ao revelarem seu segredo. (ARPINI et al, 2013, p. 3)

O abuso sexual infantojuvenil configura-se como um problema de saúde pública, visando ainda que o conhecimento público de tais casos podem resultar, na maioria das vezes, em consequências negativas à estabilidade psicológica, integridade física e imagem social do abusado em questão. No que diz respeito aos profissionais de saúde, sobretudo a equipe de enfermagem, a identificação dos casos de abuso sexual requer uma atenção mais específica, visto que trata-se de um assunto de extrema delicadeza e, por fim, acaba por envolver diversos sujeitos tais como a família, o abusador, a justiça e, principalmente, a vítima. (LUSTOSA et al, 2013)

O resultado de uma experiência de violência sexual precoce pode abranger alterações tanto funcionais quanto anatômicas no desenvolvimento biológico e prejudicar ainda o desenvolvimento psicológico. Tal argumento se justifica pela aparição posterior de transtornos e sintomas como depressão, ansiedade, esquizofrenia, uso de substâncias ilícitas, hipersexualidade e ainda, suicídio. Desta forma, percebe-se que a preocupação a cerca de uma situação de abuso foge completamente apenas do risco de contração de DST's e gravidez não desejada, mas também inclui a probabilidade de danos a saúde mental a longo prazo. (GOSLING; ABDO, 2011)

Para Laner & Falcke, o abuso sexual intrafamiliar é equivalente ao incesto, situação onde algum indivíduo que possui certo grau de parentesco sente atração pela vítima. O abuso intrafamiliar está presente, sobretudo, nas famílias desestruturadas e/ou disfuncionais, onde há grande probabilidade de o abusador ter sido violentado durante a infância ou ainda estar vinculado ao histórico de dependência química. Porém, a criança em toda a sua inocência, não tem o discernimento entre o carinho paterno/materno e uma situação de abuso por nunca ter experimentado uma realidade diferente, sendo levada a crer que tal situação é natural. Em casos de abuso sexual intrafamiliar, o silêncio é imposto pelo agressor ou até mesmo pelo cônjuge deste, o papel de cuidador e protetor dos familiares em questão, acabam se invertendo, gerando medo e conflito na criança abusada. (LANER; FALCKE, 2013, p. 104)

O estudo de Lira et al (2017) realizado com nove mulheres que sofreram abuso sexual quando crianças e com resultados separados em três categorias, mostrou que parte delas, na

categoria um (convivência familiar), tiveram dificuldades em manter uma relação saudável e estável dentro de casa após a revelação do abuso consumado pelo cônjuge da mãe das entrevistadas, tendo algumas delas ainda chego a fugir de casa devido a pressão exercida sobre elas.

A vivência de abuso sexual afetou o convívio familiar das participantes, conforme visto nos relatos de acentuadas discussões e agressões, mostrando que este fenômeno desencadeia um processo de afastamento entre os membros da família, sobretudo entre a mãe e a filha abusada. Nestas situações, embora as pessoas vivenciem outras experiências cotidianas, a questão central gira em torno da situação abusiva, as lembranças as perseguem e a situação parece difícil de ser encarada. (LIRA et al, (2017), p. 5)

O mesmo estudo mostra ainda nas duas outras categorias (A vida cotidiana de meninas na vivência ao abuso sexual e a Repercussão na vida cotidiana de mulheres abusadas sexualmente na infância) que, ao longo da vida, as mulheres se depararam com muitas outras dificuldades, entre elas, a exposição a drogas por terem fugido de casa e a gravidez indesejada e a violência física no ato da violência sexual. A baixo autoestima, ideias e tentativas de suicídio, confusão quanto a identidade sexual, comportamento autodestrutivo, problemas na vida sexual, dificuldades para ter orgasmos e até mesmo tentativas de homicídio foram fatos decorrentes e, muitos deles, comuns na vida de todas as vítimas. (LIRA et al, 2017)

No que se refere ao abusador, a pedofilia é englobada em um grupo de transtornos denominados “Transtornos Parafílicos” (DSM V). As parafilias condizem com fantasias, comportamentos intensos, excitantes e de caráter sexual, que envolve “1) objetos não humanos ou cadáveres; 2) sofrimento ou humilhação próprios ou do parceiro; 3) crianças ou outras pessoas sem consentimento delas” (GOSLING; ABDO, 2011, p. 128). Para que uma parafilia seja diagnosticada, os sintomas deste quadro devem necessariamente se manter por um período mínimo de seis meses. É na adolescência que cerca de 50% das parafilias se iniciam e correm risco de se tornarem crônicas. Os transtornos mais graves se dão através da função imaginativa perversa e da necessidade de excitação atípica ou bizarra, sendo que há uma maior prevalência de parafilias entre homens. (GOSLING; ABDO, 2011)

Existem características socioculturais que estão vinculadas ao abuso sexual, porém, não há como traçar um perfil fixo de maior incidência de abuso visto que qualquer pessoa, independente de seu meio social, cultural e pessoal, pode ser acometida. No que se refere à questão de gênero, há uma maior predominância de casos femininos, embora também existam denúncias de casos masculinos, porém, com números alarmantemente menores. Fatores que justificariam isso evoluem desde a estigmatização dos sentimentos dos homens, as dúvidas

desencadeadas pelo abuso quanto à orientação sexual e até mesmo o próprio medo e manipulação do abusador. (HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2012)

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Estudo do tipo pesquisa -ação que, segundo Engel, é descrito da seguinte forma:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta. (ENGEL, 2000, p. 182)

Optou-se por este método por representar o de maior adaptabilidade aos objetivos delineados.

3.2 População Alvo

Alunos de uma escola municipal de uma cidade no norte do estado de Santa Catarina com idade entre 11 e 13 anos (pré-adolescentes), cursando entre o 6º e 8º ano.

3.3 Ações de Intervenção

A proposta de intervenção se baseou na metodologia de construção do conhecimento por meio de atividades lúdicas e com a participação ativa dos envolvidos no processo. Por essa razão as atividades ocorreram em pequenos grupos (cerca de 10 alunos por grupos) nos quais foram desenvolvidas as técnicas a seguir:

- Roda de conversa para apresentação e breve dinâmica quebra-gelo;
- Apresentação pelos intervencionistas dos objetivos do projeto, importância do tema e a temática propriamente dita.

- **Atividade 1 - Pensamentos em Craft:** Após a fala inicial, o grupo de mais ou menos 30 alunos foi dividido em três grupos menores com cerca de dez alunos cada. Papel craft foi disponibilizado a eles para que nele expressassem, através de palavras ou ilustrações, o que entendiam e a visão que tinham sobre o abuso sexual. Após a realização desta primeira atividade, a discussão sobre o tema proposto foi aberta, usando como direcionamento inicial da conversa, os pensamentos por eles colocados. Em certa altura da conversação, comunicamos que esta atividade seria repetida nos minutos finais da roda de conversa e os resultados seriam comparados junto aos alunos.
 - Material necessário: papel Craft e pincéis atômicos;
 - Tempo Estimado: 20 minutos;
 - Objetivo: Inteirar-se sobre o que já é de conhecimento popular acerca do tema, sobretudo, as informações que chegam e são absorvidas nesta faixa etária;
- **Atividade 2 – Estudo de caso:** quatro situações que ilustrassem o abuso sexual infantil e juvenil e agravos físicos, psicológicos e cognitivos foram apresentados ao grupo e junto deles discutimos as ações certas a serem tomadas em cada situação.
 - Material Necessário: papel cartão com os casos descritos;
 - Tempo Estimado: 35 minutos;
- **Objetivos:** ilustrar as diversas situações de abuso ocasionantes de agravos físicos, mentais e cognitivos com o intuito de dá-los norteamento acerca das possibilidades de apoio e possíveis ações de ajuda;
- **Atividade 3 - Até Onde Vai Minha Liberdade/Meninos x Meninas:** utilizamos fichas de papel cartão onde estavam pontuadas situações polêmicas no meio social que poderiam ocasionar alguma situação de abuso, como o uso de roupas curtas, saídas noturnas, o uso da Internet, etc. Em um segundo momento, dividimos o grupo entre meninos e meninas para que pudessemos trabalhar a questão do abuso sexual feminino e masculino com gêneros separados.
 - Material necessário: papel cartão com as situações descritas;
 - Tempo Estimado: 30 minutos;
- **Objetivo:** estimular a reflexão sobre comportamentos e situações que podem desencadear as diversas formas de abuso e a compreensão de que qualquer pessoa pode ser alvo de abuso sexual;

- **Atividade 4 - Pensamentos em Craft (Segundo Momento):** ao fim das atividades, mais papel Craft foi disponibilizado aos grupos para que nele manifestassem o que entenderam e observaram após nossas falas. Neste momento, um espaço maior foi dado para que expressassem oralmente o que ficou retido sobre o conteúdo apresentado.
 - Material: papel Craft e pincéis atômicos;
 - Tempo Estimado: 35 minutos;
 - Objetivo: receber feedback sobre o conhecimento adquirido após as orientações e falas.

3.4 Análise da Intervenção

É de grande importância ressaltar que as atividades citadas no item 3.3 não foram planejadas como de realização obrigatória e sim como um roteiro de conversação, podendo sofrer alterações baseadas nas características de cada grupo. Através das atividades antes citadas, analisou-se questões como:

- Como o abuso sexual é visto pelo público-alvo?
- Quais alternativas os estudantes usariam em uma situação de abuso?
- Qual a principal dificuldade e por que se faz tão importante conversar a cerca do tema?
- Por que é tão grave uma situação de abuso sexual em suas diversas formas?

A análise da intervenção teve como objetivo mensurar, ainda que subjetivamente, o quanto a ação alcançou os objetivos previamente estabelecidos.

4 RESULTADOS

Foram realizadas intervenções em 8 turmas de 6º a 8º ano de uma escola pública municipal da região norte de Joinville, totalizando cerca de 265 alunos com idade entre 11 e 16 anos.

Em um aspecto geral, tanto o tema quanto os intervencionistas foram muito bem recebidos e amplamente questionados a cerca do assunto. Apenas um número bastante reduzido de alunos, cerca de 3 ou 4, não se manifestaram ou demonstraram certa resistência

durante as atividades, porém, não se utilizaram em momento algum de comportamentos agressivos ou demonstraram insatisfação.

Atividade 1: Em pelo menos metade das turmas, o primeiro contato com o tema foi chocante e silencioso, apenas alguns alunos específicos sabiam dizer do que se tratava o abuso sexual em um conceito generalizado, porém, básico, sendo que os cartazes produzidos em primeiro momento não demonstravam nenhum aprofundamento do tema. Ideias como violência física, doenças mentais, machismo, covardia e crime, foram as principais abordadas neste primeiro momento.

Atividade 2: Durante esta atividade, quando a conversa deu-se de fato e o assunto começou a ser discutido, percebemos que o que os adolescentes sabiam do assunto era muito superficial, muitas vezes por coisas ouvidas ou lidas através dos meios de comunicação, sobretudo a internet, e por casos conhecidos no meio em que vivem. Durante as abordagens, perguntávamos se alguma vez já haviam tido a oportunidade de conversar com alguém sobre a saúde mental, sobre o abuso sexual ou qualquer tema relacionado a área, foram muito poucos os alunos que referenciaram terem tido, em algum momento da vida escolar ou pessoal, alguma conversa profunda e esclarecedora sobre o tema.

Grande parte dos adolescentes haviam sequer ouvido falar alguma vez das patologias explanadas (depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, patologias uterinas, sífilis, AIDS e sinais de violências). Em um comparativo de todas as atividades, esta foi a de maior discussão e indagação tendo, muitas vezes, ultrapassado o tempo pré-estabelecido.

Neste mesmo momento, ainda ouvimos alguns desabafos, a grande maioria por parte das meninas, que relatavam terem conhecido alguém que sofreu abuso ou que o abuso aconteceu dentro da própria família e que até mesmo elas haviam sofrido algum tipo de abuso.

Em todas as turmas, até mesmo as que encontramos maiores dificuldades em se trabalhar, pela bagunça ou pela timidez, este momento foi o mais produtivo. Grande parte dos objetivos tomaram forma, foram abordados os diversos tipos de abuso sexual, explanado as diversas doenças físicas, transtornos mentais e DST's desencadeadas pelo abuso, fomos questionados sobre parafilias, formas de tratamento, suicídio, busca pela ajuda, debatemos sobre as situações que nos tornam vulneráveis ao abuso e também houve certa troca de experiências.

Em alguns pontos da conversa, o debate foi caloroso, opiniões se chocaram, porém,

surpreendentemente, maduras e civilizadas, as ações em si foram muito produtivas, tanto para os intervencionistas quanto para os alunos.

Atividade 3: Após momentos bastante intensos na atividade anterior, a atividade três nos trouxe um pouco do universo do público-alvo: o que achavam sobre a forma que se vestiam e como viam as outras pessoas; o que achavam sobre a intervenção dos pais e dos responsáveis nos momentos mais pessoais de suas vidas; como percebiam os colegas e se tinham algum conhecimento sobre as mudanças ocorridas na faixa etária em questão.

As opiniões foram bastante divididas, a grande maioria reconhecia que deveria haver sim um certo controle e supervisão dos pais e responsáveis sobre as ações, comportamentos e relações interpessoais do público-alvo, porém, houve também opiniões que diziam se sentir desconfortáveis com este tipo de observação e ainda, relatos que diziam receber pouca ou nenhuma supervisão no uso da internet principalmente.

Discussões foram acaloradas, pensamentos se contradisseram, porém, tudo foi discutido com grande atenção por parte do público e imparcialidade por parte dos intervencionistas. As maiores orientações foram ministradas nesta atividade e pudemos perceber que, embora houvessem conflitos de pensamentos no início, as orientações foram bem acatadas no fim.

Atividade 4: Na última atividade pudemos ver os objetivos ganharem forma física assim como tudo o que foi absorvido pelos estudantes. As ideias mais decorrentes, escritas e ilustradas, envolviam principalmente a situação traumática desencadeada pelo abuso, a depressão, a violação, as dúvidas quanto a orientação sexual, transtornos mentais como a esquizofrenia, transtorno de autoimagem, automutilação, a não efetividade jurídica, o isolamento social, as DST's, o possível óbito durante o ato de violação e conceitos mais aprofundados sobre o tema proposto; o direito a própria liberdade também foi muito decorrente nos cartazes, assim como o respeito e a empatia para com o próximo.

Dentro os aspectos que mais nos chamaram a atenção podemos citar, principalmente, a grande adesão do público-alvo ao tema. Durante o desenvolvimento do projeto, muitas foram as opiniões de que encontraríamos grandes dificuldades com este tema, houve o medo e o receio de que, de fato, o tema não fosse bem-aceito pelos profissionais das escolas e até pelo público, porém, tudo isso foi superado assim que percebemos o quanto o público-alvo tinha vontade e, por que não, necessidade de falar de assuntos como este.

É indispensável falar também que, pelo menos, metade das turmas se pronunciaram

durante a nossa fala final, elogiando tal iniciativa de trazer um tema como este para a sala de aula, de como era importante falar sobre isso e de como se sentiam gratos por terem tido esta oportunidade de expor abertamente o que pensavam e quebrar um silêncio imposto não se sabe de onde.

Como intervencionistas, pudemos observar dia a dia e em cada intervenção como este tema mobilizava e chamava a atenção dos pré-adolescentes e adolescentes, até mesmo os que pareciam relutar em participar, pararam para ouvir e debater sobre o que tínhamos a dizer. Podemos dizer, com veemência, que este projeto sensibilizou tanto a nós quanto aos próprios estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das intervenções, buscamos da forma mais leve possível trazer a tona o maior objetivo deste projeto: expor o tema “Abuso Sexual”. Embora houvesse alguma relutância inicial para que o tema realmente fluísse da maneira esperada, por meio dos resultados colhidos pode-se concluir que o conceito do abuso sexual, assim como todas as consequências vinculadas a ele, foram absorvidas excelentemente pelo público-alvo.

A inegável sociedade machista na qual ainda vivemos nos dias de hoje, o medo a exposição generalizada e, sobretudo, a manipulação exercida por parte do abusador sobre o abusado são os principais empecilhos encontrados pelas vítimas de violência sexual para o relato e resolução do caso. Deve-se ainda levar em consideração o conhecimento e consentimento, na maioria das vezes involuntário, por parte do cônjuge quando a violência sexual trata-se de caso intrafamiliar. Neste âmbito, têm-se a perda da confiança em quem deveria ser a maior referência para a criança: os próprios pais.

Quanto ao método utilizado, é unânime por parte dos intervencionistas a opinião de que este foi o meio mais efetivo de todos os analisados, embora outros não tenham sido utilizados. Adolescentes e pré-adolescentes muitas vezes sofrem repreensão por suas falas e ideias, sendo reprimidos e fechando-se ao longo do tempo, porém, quando nos colocamos como parte da ação, os resultados se mostraram muito mais satisfatórios e a intervenção muito mais agregadora.

Por fim, consideramos que o abuso sexual é um tema pouco decorrente em nossa sociedade e, mais do que nunca, percebe-se a importância de como deve ser trazido a tona. Há

a grande estigmatização acerca da veracidade das falas de crianças e adolescentes, porém, o abuso sexual é algo real e que tem se tornado cada vez mais comum entre nós.

6 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>

ARPINI, Dorian Mônica, et al. Violência sexual contra adolescentes: “Ninguém quer ajudar, só julgar”. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 27-33, abril 2013. Acesso em: 14 de março de 2017. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=392>

BRASIL, Lei nº12.015, de 2009, **Código Penal**, 7 de dezembro de 1940. Acesso em: 29 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Rev. Educ.**, [online]. n.16, p.181-191, 2000 Acesso em: 13 de maio de 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.214>>

FLORETINO, Bruno Ricardo Bérqamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio/agosto de 2015. Acesso em: 28 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=pt&tlng=pt>

GOSLING, Flávio José; ABDO, Carmita Helena Najjar. Abuso sexual na infância e desenvolvimento da pedofilia: revisão narrativa da literatura. **Rev Diagnóstico e Tratamento**, v. 16, n. 3, p. 128-131, 2011. Acesso em: 02 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2011/v16n3/a2414.pdf>>

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências.

Psicologia USP, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 395-415, abril/junho de 2012. Acesso em: 23 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305126301008>>

LANER, Renata Schroeder; FALCKE, Denise. Abuso Sexual Intrafamiliar: Concepções de Profissionais que Atendem Crianças que Foram Vítimas de Abuso. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 5, n. 2, p. 103-108, julho/dezembro de 2013. Acesso em: 23 de novembro de 2017.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/288339921_Abuso_Sexual_Intrafamiliar_Concepcoes_de_Profissionais_que_Atendem_Criancas_que_Foram_Vitimas_de_Abuso>

LIRA, Margaret Olinda de Souza e et al. Abuso Sexual na Infância e sua Repercussão na Vida Adulta. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, 2017. Acesso em: 12/12/2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017000080016>>

LUSTOSA, Amanda Peres, et al. Abuso Sexual contra crianças: evidências para o cuidado de enfermagem. **Cadernos ESP**, Ceará, p. 50-63, julho/dezembro de 2014. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017. Disponível em:

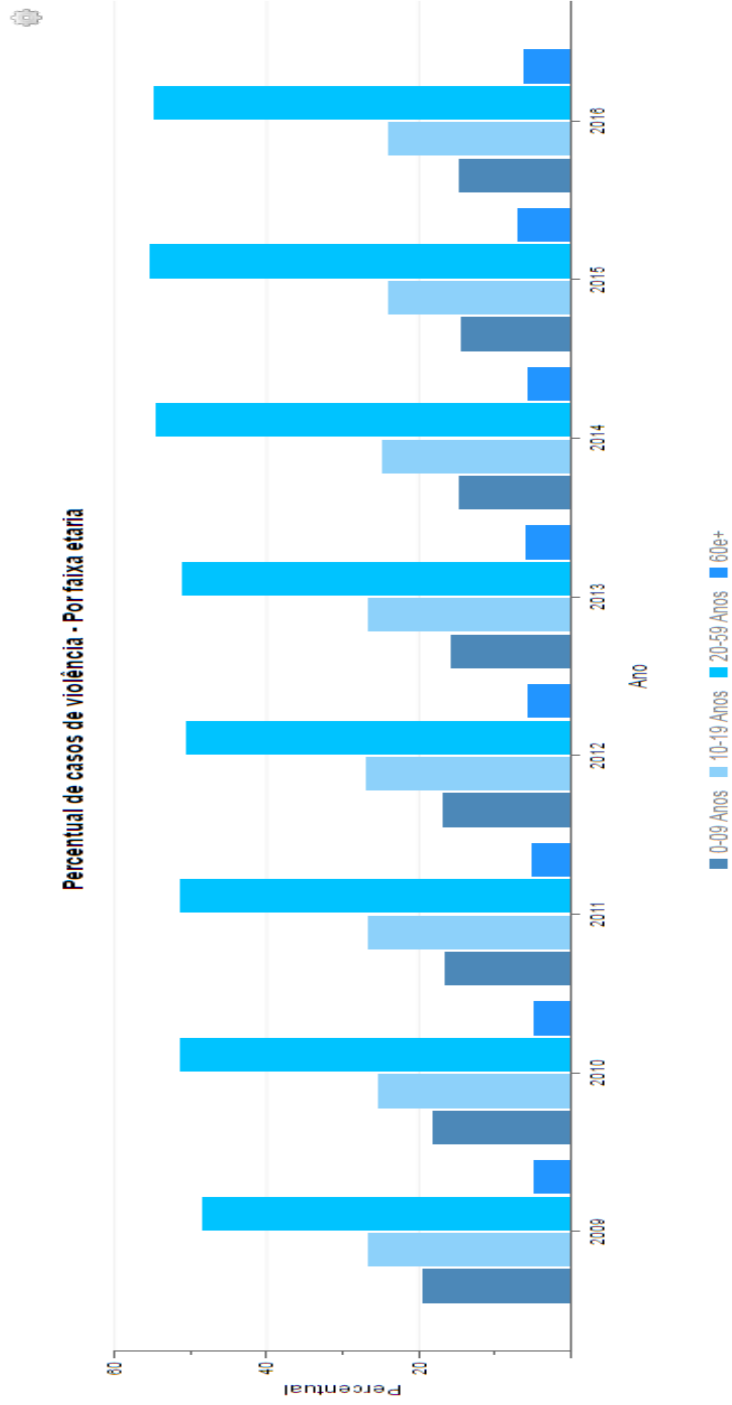
<<http://www.esp.ce.gov.br/cadernosesp/index.php/cadernosesp/article/view/199>>

ZANELLA, Maria Nilvane; LARA, Angela Mara de Barros. Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: Estratégias de Prevenção na Rede de Proteção. **Revista da FAEEDA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 46, p. 75-87, maio/agosto de 2016. Acesso em: 07 de agosto de 2016. Disponível em:

<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/2703>>

ZUQUETE, José Gonçalo Pais Estrela da Silveira; NORONHA, Ceci Vilar. "Foi normal, não foi forçado!" versus "Fui abusada sexualmente": uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das suas vítimas e de testemunhas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1357-1376, 2012. Acesso em: 12/12/2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312012000400006>>

ANEXO A



FONTE: SINAN.

ANEXO B

_id	Ano	masculino	feminino
1	2009	33.47	66.44
2	2010	33.37	66.49
3	2011	30.15	69.77
4	2012	30.53	69.42
5	2013	29.90	70.03
6	2014	33.92	66.00
7	2015	33.00	66.95
8	2016	32.61	67.34

FONTE: SINAN.